

DIRECTOR, PROP.º E ADMINISTRADOR
 JOSÉ DA SILVA VIEIRA
 Composição e impressão: Typ. Espozendense
 Rua Veiga Beirão, 7 e 9
 ESPOZENDE

O ESPOZENDENSE

Semestral republicano evolucionista—defensor dos interesses d'este concelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 LIVRARIA ESPOZENDENSE
 Editor: Manoel Gomes de Costa Freitas
 ACCRITA TODA A COLLABORAÇÃO DE INTERESSE PUBLICO
 Os originaes não publicados não se restituem.

ASSIGNATURA (pagamento adiantado) FUNDACÃO D'ESTE JORNAL ANNUNCIOS (secção competente)
 Anno, sem estampilha, 1.500 reis. Com estampilha 1.360 reis. Linha, ou espaço, de linha a 40 reis. Communicados, ou reclames (secções)
 Numero avulso 40 reis. Brazil, (moeda forte) 2.500 reis. Os assignantes tem 25.º de desconto. Imposto do sello (cada publicação) 10 rs

O pagamento dos annuários é feito no acto da entrega do original. Anuncios annuaes, contracto especial. Anunciam-se todas as obras litterarias ou scientificas das quaes se recbea um exemplar.

O CULTO PELA ARVORE

A arvore foi o primeiro senhor da Terra, occupando-a em toda ou em quasi toda a sua superficie sólida. D'esde os tempos mais remotos até hoje, tem a Humanidade mantido por ella um culto mais ou menos fervoroso.

Os *Seytas* e os *celtos* encontraram os *deuses*, os espiritos multiplos, no fundo dos seus bosques; ahi ouviram vozes reveladoras, sentiram os primeiros arripios do Invisivel, as primeiras visões do Além.

Do fundo do bosque, ouviu Roma essa voz que lhe fez ver que o supremo amor é a suprema renuncia, para afasta-lo da fascinadora *Sila*.

Diziam os *persos* que se o homem forte não vem do touro, talvez descenda da arvore. Esta, diziam elles, que vive por tanto tempo, não será a vida que passou e a vida de amanhã? em resumo, a vida imortal? O homem para ser forte deve comer os seus pòmos d'oiro, ou, esmagando-os, tirar delles o succo poderoso, o licor que leva a alma a bom caminho. O seu nome sagrado é *Hôma*. São os heroes da Per-

sia os primeiros, com suas mãos gloriosas, a esmagar e a fazer fermentar *Hôma*. Desde logo espumosa, freme, faz-se ouvir, fala e faz falar as pedras.

E' o proprio *Verbo*. A arvore, rara no Egypto, mereceu ahi, tambem, ser amada. Quem tinha a felicidade de ter uma, ao pé da porta ou visinha, vivia com ella como se fôsse uma pessoa: contava-lhe todas as suas máguas, dôres e apreensões, os seus terrores, as crueldades de escriba que o vigiava, o trabalho excessivo e sem consolação e ás vezes até outras feridas mais crueis feitas pela mão da bem amada! A' esposa unica, amada, e a mais ninguem, confiava o marido esse misterio. Avalie-se o que para a mulher seria depois da morte do homem, esta arvore!

Quanto sagrada e quanto confidente, consultada, escutada pelas horas recolhidas e silenciosas ella seria.

Muitas vezes a mulher via, através dos seus prantos, que ella tambem chorava. Choros vegetaes. Seria compaixão do amigo? seria a alma do morto prisioneiro debaixo da casca, apertada, soffredora, que,

para se revelar, na sua pobre linguagem, lhe chorava estas palavras: «amo ainda?» A arvore egypcia não é como a da Persia, a altiva arvore da vida; é uma arvore inquieta.

Gregos e romanos tiveram os seus bosques sagrados e muitas arvores dedicaram aos deuses.

A arvore do natal tem origem druidica e, por uma ficção, que vem do tempo dos celtas, ella defendia do vento e da neve o berço do menino Jesus.

A oliveira, que pelo paganismo era consagrada a Minerva, foi a mesma arvore d'onde a pomba de Noé còlheu o ramo symbolico da renovação da paz de Deus com os homens e a mesma que obrigou Jesus Christo nas horas que antecederam a jornada tragica em que o entregou nas mãos dos inimigos o beijo vendido de Judas. Eis o que muito apressada e resumidamente, após a consulta dalguns livros, posso dizer-vos acerca do culto pela Arvore.

Roberto Macedo.

O Seculo Agricola

Cada numero 40 rs.

A' venda na redacção d'este jornal.

Frases feitas

DESPEDIR-SE A FRANCEZA

(Continuação)

Se o *despedir-se em latim* veio como é natural, do sentido da dificuldade de interpretação que offeria esse idioma, já nos fins do seculo XIII, entre as classes menos cultas apesar de até então ser a lingua official das ordenações do reino, creio que muito contribuiria para o *simile*, como aconteceu em tantos outros casos, o ritual da missa, na formula liturgica final quando o celebrante se retira reverenciando o altar: *ite, missa est*.

Despediu-se em latim, i-é, ninguem o compreendeu, e dahi a analogia ironica com os que se retiraram sem nada dizer.

Como o latim se tornou privativo das camadas mais nobres e instruidas (1) veio a chamar-se *latim* a linguagem culta, do estilo elevado a que hoje o povo chama tambem *politica*—*falar á politica*.

O latim usado nas formas didacticas e especialmente na retorica forense não merecia a confiança do povo, sempre esbulhado nos seus direitos, habituado ás manigancias da rabula juridica.

Lá o diz um poeta do *Cancioneiro* queixando-se de três juizes desembargadores:

«querô salvar uu villão,
 quemem condonar a mym,
 quemem tazer per *latim*
 do nam esy, & do'ssy nam.»

Empregar o seu o latim ou *perder o seu latim* ainda hoje exprimem o esforço maximo de persuasão, nem sempre decisivo e muitas vezes perfido, certamen-

te por influencia do baixo conceito em que o povo tinha e tem o artificioso *lanitorio* dos processos judiciaes.

Latim veio a ser pois toda a linguagem que se torna incompreheensivel quer pela elevação das ideas, quer pela intenção reservada e ainda pela confusão natural que a nossos ouvidos trazem as linguas extranhas ou deturpadas.

No *Auto das Fadas*, de Gil Vicente, diz a *Feiticeira* a um *Diabo* que lhe fala picardo:

«Dá 6 dema esse *latym*
 que não entendo o que he»

Tem a mesma razão semantica o *falar galego* de que tratarei no artigo seguinte.

(1) «Saber *latim*» indicava elevado grau de cultura. Na *Farça de Ines Pereira* toda se desvaneca a Mãe falando da filha:

«Huil e ella *sabe latim*
 e gramateca e alfaqui
 e tudo quanto ella quer!»

Gil Vic. *Obras* III, 126.

Falar portuguez

Pela mesma razão por que o *latim* ou o *grego* e ainda o *francez* exprimem o conceito popular «a falta de precisão e clareza nas palavras proferidas ou escritas», o *galego* e o *castelhano* vieram a ter significação parelha.

Na *Romagem de Agravados*, Martha do Prado pede a Branca do Rego que lhe fale sem subterfugios:

«Para que he *fallar gallego* senão craro e despachado?»

II, 503.

FOLHETIM

CONTOS TRADICIONAES

(Continuação)

3

CHRISTO E O PÔÇO

Um dia passou Noss'enhon num lugar onde estava um homem a abrir um pòço.

E vai diz-lhe assim:

—Dás-me uma pinguinha de agua, que venhê de longe e trago muita sede?

Vinha Christo vestido de pobre e o homênt não sabia com quem falava. E como tinha mau coração, respondeu:

—Auga! Nem eu tinha mais que fazer, senão ir buscar auga para te dar! Olha, espera que este pòço esteja acabado, e passa *antão* por cá.

E por mais que o Senhor lhe pedisse auga, não houve meto' do homem fazer aquella obra de caridade.

Foi-se Deus embora, mas antes, disse ao mau homem:

—Já que tens a alma tão dura como esse chão que cavas, eu te prometo que nunca dahí *hades* tirar auga.

O outro riu-se da ameaça, e botou-se a cavar, a cavar, mas logo ali appareceu uma rocha tão dura que não houve meio de entrar com ella p'rá abrir o pòço.

Depois que se cançou dias e dias, veio a entrar-lhe no coração um raio de luz divina, e logo se lhe fer-

rou na cabeça a ideia de que o pobre não podia ser outro senão Deus.

Chegou-lhe então um arrependimento tamanho que se poz a chorar como uma criança, e as lagrimas caíram na rocha, que ficou logo tão branda como cera.

D'ahí ávante nunca mais negou nada a nenhum pobre, porque em todos julgava encontrar a imagem de Christo, que efectivamente são.

4

HISTÓRIA DE LONGUINHOS

No tempo em que o Senhor andava a correr mundo, havia em Jerusalem um homem que tinha sido soldado, chamado Longuinhos, (1) e agora estava cego.

Quando Christo morreu, Longuinhos que nunca o tinha podido ver por ser faltô de religião, pediu uma lanca e que o levassem ao pé da cruz, e quando lhe fizêram a vontade levantou a lanca e cravou-a ás cegas no lado esquerdo do Senhor.

Viu-se então um grande milagre, que foi a ferida bôtar sangue e auga (1) que toram cair nos olhos de Longuinhos e ficou logo bom da cegueira que tinha.

Arrependeu-se logo do coração, pediu perdão a Deus, e passou em devoção o resto da vida.

(1) Provavelmente corrupção de *Longinus*.
 (1) Evangelho de S. João, XIX, 34.

5

O MAU RICO

Era de uma vez um homem rico

que andava a vigiar os seus criadôs emquanto eles tiravam auga dum pòço.

Passou por ali o Senhor mais os discipulos, e disse ao tal:

—Olha lá, dás-nos de beber, a mim e a estes homens, que vimos aqui cansados da jornada?

Ora o rico era homem de ruins interiores, e disse de má catadura:

—Tomára eu mais auga p'ra uso de minha casa, que tenho lá muita gente, e das minhas terras, que são bem grandes, quanto mais p'rá gastar contigo e c'os teus!

Noss'enhon ainda batalhou com ele, mas como não conseguia nada, disse-lhe:

—Logô que tu não cumpres uma das obras de misericórdia, que é dar de beber a quem tem sede, eu quero que tu te fartes de auga emquanto vivo fôres. *Arran* (1), salta p'ra dentro dessepòço!

O mau rico fez-se logo numa grande arran e atirou-se ao pòço como N. Senhor tinha mandado.

(1) Forma pop. de *ran*.

6

O COMPADRE DE SAN PEDRO

Chegou-se um dia San Pedro ao pé do Noss'enhon, e disse-lhe:

—Divino mestre, um compadre meu está a morrer. Pego-vos p'ró salvardes, porque é pobre e tem mulher e uns poucos de filhos, que, se ele morre, vão ficar na miseria.

Respondeu o Christo:
 —Não passo salvar o teu compadre porque já tem os seus dias contados. E emquanto aos filhos, pòdes

ficar descansado a respeito deles, porque não hade haver novidade.

Nisto iam a passar ao pé duma ribeira. Noss'enhon apontou p'ra um cabelo com raiz que estava no chão, e vai diz ao companheiro:

—Apanha esse cabelo, Pedro, e mete-o debaixo daquella pedra que está á borda da ribeira.

San Pedro fez o que o Senhor lhe mandava, mas não percebeu nada: Passados anos tornaram os dois a passar ali, e Noss'enhon, assim como quem se fazia alembrado, poz-se a dizer

—Tenho cá uma ideia que tu ha anos puzeste um cabelo debaixo daquella pedra; estou com curiosidade de saber se ele ainda lá está. Ora vai ver, ó Pedro!

Quando San Pedro se foi muito descuidado a erguer o pedregulho, deu um grito e fugiu a sete pés porque viu levantar-se de lá uma grande serpente. (1)

Christo agarrou-lhe por um braço e animou-o:

—Não tenhas medo, Pedro.

Lembras-te de que botaste ali esse cabelo no dia em que me pediste p'ro teu compadre? Pois isso é um exemplo; esse cabelo abandonado fez-se nessa serpe, que se criou ao poato que tu vês; e assim se criarão os filhos do ten compadre porque a providência de Deus olha por tudo.

(1) E' comum entre o povo a crença de que, metido em água um cabelo que conserve ainda o bolbo capilar, e deixando-o ali, pôde vir num espaço de tempo variavel a transformar-se numa pequena cobra, que depois aumenta de volume.

(1) Bastou.

Deste conceito que, como na referencia ao *latim*, pode ser interpretado ambigualmente, i-é, exprimindo tambem o «emprego de um estilo elevado e por isso incompreensível» veio a expressão: *donde vem a Pedro falar gallego?* que tomou foros de rifão. Assim se indicava a desconfiada admiração pelas pretensões impropriadas de determinados individuos.

Acha-se por exemplo, na curiosa *Arte de Furtar*:

«ainda que alguns ha tão advertidos que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar gallego?»
ed. 1744, pag. 162.

O castelhano, tido injustamente como lingua mais nobre e mais literaria que o portuguez, preponderava nas côrtes de Portugal e dêle se servia a nobreza do reino que não queria confundir a sua linguagem, no privilegio das castas, com a lingua charra da plebe.

Os poetas e trovadores, suggestionados pelo sonoro ritmo castelhano, sob a influencia da superioridade de uma lingua que se tinha por mais culta, e ainda por espirito de adulação pela nobreza, compunham nessa lingua as suas trovas e os seus cantares, aumentando assim o predomínio do castelhano.

Embora a aproximação fonética das duas linguas fosse ainda um apreciavel reflexo da parallelismo que existia pelos seculos XII a XIII, nada justificava este quase desprezo e aversão que, por criminosa vaidade da nobreza se votava á lingua patria, tão rica, tão culta e tão elevada como aquela.

Poetas e trovadores, porem, que versejavam com igual facilidade nas duas linguas e admiravam a extrema flexibilidade e elegancia da sua propria, conheciam a injustiça e o erro e bastas vezes o estigmatizaram.

O proprio Gil Vicente que, influenciado pelo vicio do seu tempo e talvez mais pela imposição das

exigencias da corte, escreveu no castelhano impecavel de Juan de la Encina quase metade dos seus admiraveis autos, foi acima de um soberbo génio de poeta, uma grande alma de portuguez.

Os seus cantos de guerra, os seus hinos de victoria, os seus amorosos arrebatamentos másculos em louvor do esforço e da glória da sua Pátria, fazem-no considerar a fulgida e immorredoura centelha que, dezenas de annos mais tarde, ia inflamar o facho do genio desse grande epico que se chamou Camões.

Acorrentado pois o seu estro soberano a uma estulta vaidade palaciana, o Poeta não deixou contudo de cauterizar com o ferro candente da sua ironia justiceira esta chaga do seu tempo.

Em varias passagens, como no *Triunpho do Inverno*, se escuta o assômo de revolta da sua alma de portuguez:

«E porque melhor se sinta o Inverno vel salvagem castelhano em su decir; Porque quem quiser fingir na castelhana linguagem achará quanto pedir»

II, 445

Ao falar castelhano, ou gallego, opunha-se, no sentido de «clarez, precisão, verdade,» e *falar portuguez* que ainda hoje tem o mesm sentido.

Nuno Pereira, poeta do *Cancioneiro*, castigando com graça o menos preso que certos fidalgos degenerados, regressando da corte de Castella, ligavam ás coisas e aos homens da sua terra, offerece-lhes este salutar conselho:

«portugues sempre falar & nem tomar castelhano sem sabor.»

Na expressão *falar portuguez* e ainda, *ser portuguez* (=ser claro e preciso nas palavras e nas acções) está o desafio da grande alma de um povo, mais contra o afrontoso desprezo dos nobres pela sua lingua que contra o caracter dos outros povos.

e a ideia dele era outra, porque o seu coração é ruim...

Diz-lhe San Pedro:

—Mas estes tambem não me parecem melhores...

—Enganas-te, Pedro, respondeu o Senhor. Os dois que vimos agora, merecem mais do que o primeiro, porque estão a cumprir um conselho do meu pai (1).

(1) «Fazer pela vida»=acto das relações carnaes.

(1) Termo popular que significa, saudar, dizer adeus (de *salvo?*) (vid. *Cancioneiro*, n.º 207):

Não sei que mal eu fizera Ao ladrão do meu amor; Passa por mim, não me salva, Tira o chapéu com rigor.

E' provavelmente na transformação verbal da phrase *dar a salvação*. *Salve-o Deus!*—ouvimos frequentemente entre a nossa gente do campo.

(1) Referencia ao divulgado preceito genésiano: *Crescei e multiplicai-vos*.

9

SAN JOSÉ E O HOMEM QUE FOI P'RO BRAZIL

Havia um homem que queria marchar p'ro Brazil á cata de fortuna, mas não podia levar consigo a mulher por não ter *mónins* (1) p'ra passagem.

Foi ter com San José (2) de quem era muito devoto e amigo, e disse-lhe:

—Senhor San José, eu queria botar-me ó Brazil, queria, mas não posso levar a *patrôa* (3) comigo, porque só tenho dinheiro p'ra minha passagem. Tenho que a deixar cá, mas queria-a entregue a pessoa de confiança, porque como vocecê sabe ela é nova, tem um palmito

No entanto, contra o frances, moviam-no de longa data o odio e o rancor, como vimos em um dos artigos anteriores, pelas piratarias dos corsarios que vinham aos portos de França, de Honfleur e Dieppe, a pilhar nos mares as suas naus de comércio. A este sentido se refere Gregorio de Mattos nas suas Obras:

«O mais são asnidades desse que dizem *rodeios*, porque só por estes meios se fala bem portuguez; tudo o mais é *ser frances* e trazer na boca freios.»

1, 66

Oscar de Prati.

Festa da Arvore

Com uma simplicidade em que nada ficou prejudicado o brilho e a alegria que costumam caracterizar as festas d'esta natureza, em que ha creanças e ruido, realisou-se no passado domingo a «Festa da Arvore» levadas a effeito pelos alumnos das escolas primarias d'esta villa.

Depois dos juvenis academicos acompanhados dos seus professores terem percorrido em cortejo as ruas d'esta villa, ao som d'uma banda marcial, cerca das 11 horas deram ingresso na Escola Rodrigues Sampaio, onde se realisou um pequeno sarau academico em que recitaram poesias e pronunciaram ardentos discursos encantadoras creanças que souberam arrebatar calorosas palmas a quantos se premiam nos amplos salões.

Tambem usaram da palavra sobre o objecto da festa que alli reunia os interessantes pequenos, os srs. Alfredo Vianna de Lima professor official d'esta villa e dr. Eduardo Motta, official do registro civil; que dissertaram durante alguns momentos. A seguir procedeu-se á planta-

de cara que não é peste nenhuma, e é um nadita *estabuada*...

E vai dahi... eu puz-me cá a magiar e alémbrei-me de a deixar entregue ao seu colega S. Antonio. Que me diz:

Diz-lhe S. José:

—Homem, não te aconselho a isso. Tu bem sabes que S. Antonio foi sempre um santo muito amaratado. Pelava-se por cachópas novas e bonitas. S'ele até lhe partia os cântaros, só p'ra ter pé de se meter co'elas...

Torna o outro:

—E s'eu fôsse falar com San Francisco?

San José poz-se a pensar:

—Sim... deixa cá ver... San Francisco... Mas olha que ele tambem não era lá dos melhores... Diz que chegou a rebolar-se nú, em pelóte, num feixe de silvas quando lhe vinha á ideia certa mulher qu'este conheceu, e que p'os modos, era de se lhe tirar o chapéu... (1)

Antão o homem disse:

—Bem! Eu tinha cá um certo acanhamento de lhe ir fallar... mas visto isso... já que não tenho mais ninguem de confiança... sempre me resolvo a ir ter c'o Esp'rito Santo...

San José não quiz ouvir mais. Alevantou-se de repelão e gritou: —O' homem! Tu estás varrido de todo! Pois tu não visto o que ele fez á minha Maria?

(1) Dinheiro (do francès *monnaie*)

(2) Existem as formas pop. *Zé*, e *Sã* (*Senhor 'sã*, *San 'sã*, etc.)

(3) Designação vulgar de esposa.

(1) O caso é attribuido a San Jerónimo, que acalmava sobre urtigas os desejos esporoados com a recordação demasiado viva das raparigas de Roma.

Experimentem a terapêutica os apoquentados...

ção de duas arvores no atrio da mesma escola, cantando as creanças por essa occasião o hymno nacional e a «Maria da Fonte» n'um côro bem organizado e harmonioso.

Terminou a sympatica festa por uma sessão de gymnastica sueca sob a direcção do professor da mesma escola, ficando assim de toda aquella alegre manhã, a mais agradável impressão em todos os que assistiram áquella brilhante festa academica.

Foi distribuida ás creanças uma poesia em cartão offerta do snr. Alvaro de Villas Boas Pinheiro, a qual para aqui transcrevemos.

Eil-a:

A ARVORE

Que linda é, enfolhada, Carregadinha de pómos! Já sabem que, figurada, E' o mesmo que nós sómos?

Beijada pelo bom Sol, Como se avigora e tem Alto o colo, p'ra ser mãe Da mais numerosa prole!

Cheio de viço e de gala, Ella, n'um abraço amigo, Até parece que falla: —Chegae-vos! dou-vos abrigo...

A todos beija e acarinha Esta Amiga, boa e pura. Junto d'ella—ai, que frescura! Perto d'ella—ai, que sombrinha!

9-3-13

ALVARO PINHEIRO

Fallecimento

Na residencia parochial da sua freguezia que ha longos annos vinha pastoreando com a mais evangelica caridade e a gratidão e carinho de todos os seus parochianos, falleceu na segunda-feira passada o snr. P.º Bento José da Motta, saudoso Reitor da freguezia de S. Paio d'Antas, d'este concelho. Caracter bemfazejo, a que alliava uma grande intelligencia que conservou sempre lucida até ao fim da avançada idade que o prostrou, deixa em cada um dos que conviveram, a mais intensa saudade, e deixa de ser para com muitos pobresinhos o protector desvelado que em toda a sua vida foi.

Paz á alma do bondoso sacerdote.

Evasão de presos

Na noite de sabbado para domingo fugiram da cadeia desta villa, por meio de arrombamento no telhado, os presos Manoel Dias de Magalhães, o «cantoneiro» desta villa, de 28 annos de idade, Manoel Araujo Coutinho, de 26 annos e José Pires Larangeira, de 28 annos, que se encontravam na cadeia a cumprir penalidades.

Ante hontem veio entregar-se á prisão voluntariamente o preso Coutinho, declarando que os seus companheiros se achavam refugiados em uma bouça entre Belinho e S. Bartholomeu para onde marchou uma força da guarda fiscal em sua cata.

Bispo da Guarda

Encontra-se entre nós e de visita á familia Barros Lima, este venerando apostolo da egreja.

Principio de incendio

No ultimo domingo, pelas 9 e meia horas da tarde, foi alarmada esta villa com gritos de fogo, que se verificou ser em lenha que existia no quintal de um predio contiguo á nossa ribeira.

Os soccorros foram rapidos por parte de pessoas que acudiram, sendo rapidamente extinto.

A bomba de incendios ainda sahiu em direcção ao sitio, mas recuou para a sua moradia por não ser preciso.

Agora uma pergunta:

Quando será que a commissão encarregada da organização do pessoal para a corporação do serviço de incendios se resolverá a cuidar do que se encarregou?... Vá, vamos a isso snrs., não espere por um sinistro para depois notarem a falta do seu desmazello.

Escrivão de Finanças

Queixam-se-nos, e é voz corrente por ahí que o snr. secretario de finanças deste concelho se ausenta muito vastas vezes para fora da sua sede, sem motivo que justifique tais passeios, deixando por essa forma a repartição entregue a empregados que não tem a sua competencia, motivando por vezes grandes transtornos a quem precisa utilizar-se d'aquella repartição. Não nos parece que isto possa assim continuar visto que o sr. secretario de finanças quer mostrar retidão e zelo, deixando assim de cumprir um dever que lhe impõe a lei que é não abandonar a repartição para cousas que só a elle interessam.

Hontem, soubemos, que alguém precisava com urgencia de serviços d'aquella repartição e o sr. secretario de finanças tinha ido para Villa do Conde vender uns bois, isto segundo dizem.

Não ha duvida que este funcionario parece ser unico no genero no paiz, onde segundo dizem, tem bons padrinhos para lhe proteger as costas.

Veremos como diz o preito se isto continua.

Tosse

As causas de uma tosse podem ser no systema da respiração, nos orgãos de digestão ou outros.

Nas diferentes molestias pulmonares a irritação existe em varias partes do sistema respiratorio. Onde quer, porém, que seja a sede do mal, e seja qual for a sua causa, é de importancia tratar de removê-lo e de curar a tosse, senão, as consequencias hão de ser funestas e o mal agravar-se ha até talvez chegar a tísica.

O remedio é simples, agradável e nunca falha: «O Peitoral de Cereja do Dr. Ayer».

Preparada pelo Dr. J. C.

Ayer & C.^a—Lowel, Mass. U. S. A.

Depositarios geraes: James Cassels & C.^a, Successores—Rua do Mousinho da Silveira, 85 1.^o—Porto.

FÃO, 12

Amigo Vieira.

O seu jornal desde ha tempos a esta parte que vem sendo aqui muito lido, tendo por isso crescido o numero de leitores. Que fará pois, amigo Vieira, quando certo *heroi* da *rotunda* nos chamar a capitulo, deitando-nos as *barbas* de molho?

Não lhe conto nada. Sô lhe digo que por essa occasião o *canalha* rodeado pela sua camarilha feminina não faltará ao acto soltando estridentes gargalhadas de contente, e nós, já sabê...

—Quem desejar comprar fazendas e ser bem servido, dirija-se ao snr. Manoel Freitas, que, sem interesse ou remuneração alguma, lhes indicará as casas de mais credito e confiança.

—Um nosso assignante e assiduo leitor, pergunta-nos em que conceito devem ser tomados os individuos que se prove serem *denunciantes*, e se só aos *larapios* e *assassinos* se deve negar a mão.

Pela nossa parte responderemos ao nosso presado assignante que tanta confiança nos merece uns como os outros, e que não levamos a bem todo aquelle que protege destes individuos quando já seja conhecida a sua má indole...

—Um politico ferrenho que aqui ha tempos cahiu com um *sopro* de vento *sul*, de alta *vergadura*, *raça* e *honestidade* *apurada*, de ha muito que anda *agarrando-se* com unhas e dentes ás *abas* de certos *cavalheiros*—que nós muito presamos e sinceramente respeitamos—para que, á falta d'homens, seja proposto ao lugar de *casamenteiro retalhista*. Esta inane cabeça, miolo enlameado de bondade, não sabe sequer discernir o bem do mal! Das duas uma, politico sem coitação: ou o *sceptro* dourado do Santo Baptistino ou as *botas novas da companhia*!...

Que diz a isto o amigo Fonseca, para quem apelamos?

Ande, responda alli ao seu futuro patrão—se as cousas se encaminhar, o que duvidamos...

Se o amigo tiver duvida na resposta por a occasião ser impropria arrume-lhe com as *virgulas* com todo aquelle seu fundo *malicioso* do auctor, e se ainda isso for pouco, como de facto é, *paplique-lhe* o *toma lá cerejas* recitado com aquella graça e espirito do nosso amigo Ernestino do Sacramento.

—Cumprimentamos o sr. Zacarias Dias dos Santos, que se acha hospedado em casa do nosso amigo snr. Antonio Dias dos Santos, habil constructor naval.

—Assistir ás exequias do sr. dr. José Novaes, estiveram hontem em Barcellos, os snrs. Manoel Gonçalves Pereira, Rev.^o padres Manoel Villa-chaá Pinheiro, Francisco Cubello Soares, Manoel de Carvalho Alaió e dign.^o prior Luiz Fernandes d'Azevedo.

—Da correspondência de Vianna do Castello, para o «Janeiro», recortamos a seguinte noticia: «Foi transferido para a ilha da Praia da Victoria o sr. Cherubim Evangelista da Silva, digno

aspirante de finanças, que ha muito tempo aqui fazia serviço na repartição de finanças districtal.

Este funcionario era muito estimado, não só pelos seus collegas, como por todas as pessoas que com elle tratavam, pois era um bello caracter e de fina educação».

Não era só em Vianna, que o nosso amigo Cherubim era estimado, era-o em toda a parte e muito especialmente aqui onde todos eram seus amigos, a attento as suas nobres qualidades.

DENTISTA

Manoel Pinheiro, Cirurgião dentista, com consultorio na rua de Santo Antonio n.º 165—1.^o da cidade do Porto, tambem dá consultás todos os domingos n'esta villa, das 10 da manhã ás 3 de tarde, em casa do Snr. João Magalhães.

Um bom conselho offerecido as pessoas que estão doentes

As pessoas que actualmente não estão bem de saude, que soffrem de anemia, de fraqueza, de doenças nervosas, por felizes se darão de certo ao saberem que podem curar-se dos seus males, sem que isso afinal lhes custe muito dinheiro.

Para combater victoriosamente a doença, que é necessario fazer? dir-nos-hão.—E' necessario regenerar o sangue demasiado pobre de globulos rubros, tonificar o systema nervoso, que perdeu a sua energia, n'uma palavra, augmentar sem demora a resistencia vital.

As Pilulas Pink são o remedio que convem a esses doentes, por isso que ellas dão sangue e revivificam todo o organismo.

Quer a doença seja recente quer antiga, as Pilulas Pink leva-a-hão vencida, pois já teem restabelecido de todo doentes que se julgavam incuraveis.



O snr. Antonio Ferreira, residente no Porto, rua de Camões, n.º 463, é um dos innumerados doentes que as Pilulas Pink têm curado. Eis o que este snr. nos escreve:

«Soffrendo de ha muito de anemia, bem como de rheumatismo, tinha experimentado já toda a especie de remedios, sem que nenhum delles me pudesse curar. Como por diversas vezes me tivessem aconselhado o uso das Pilulas Pink, resolvi experimenta-las tambem, e para isso fiz aquisição de algumas caixas d'ellas. Logo que principiei com este novo tratamento, tive a immensa satisfação de observar que elle me fazia bem, e depois de haver tomado tres caixas das suas Pilulas Pink, já eu sentia uma melhora consideravel. Esta melhora continuou sempre e hoje considero-me inteiramente bom de saude. Dirijo a V. esta

carta com o duplo fim de lhe exprimir toda a minha gratidão, e de poder ser util por minha vez ás pessoas que soffrerem como eu soffri. O que digo nestas linhas é a pura expressão da verdade.»

As Pilulas Pink curam promptamente e seguramente todas as doenças provenientes da pobreza do sangue ou do enfraquecimento do systema nervoso: anemia chlorose, fraqueza geral, enxaquecas, dança de São Vito, neurasthenia, doenças de estomago, reumatismo.

As Pilulas Pink estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 800 reis a caixa, 4,5400 reis as 6 caixas. Deposito geral: J. P. Bastos & Comp.^a Pharmacia e Drogaria Peninsular, 39, rua Augusta, 45, Lisboa.—Sub-agente no Porto: Antonio Rodrigues da Costa, 102, Largo de S. Domingos, 103.

CONVITE

Carlos Antonio Correia da Silva, vem por este meio convidar todas as pessoas d'esta villa, a incorporarem-se na procissão aos Entrevados, que sahirá na proxima 4.^a feira de Trevas, 19 do corrente, pelas 8 horas da manhã da Igreja Matriz d'esta villa, obsequio este que desde já agradece penhoradamente.

Esposzende, -6-3-1913

CAFÉ CENTRAL

DE

Matheus Vianna

Largo Dr. Fonseca Lima

ESPOZENDE

Comarca de Espozende

EDITOS DE TRINTA DIAS

1.^o publicação

F AÇO saber que por este Juizo e cartorio do escrivão do 3.^o officio — João Vinha, — correm editos de 30 dias a contar da segunda e ultima publicação deste annuncio, citando Amandio Gomes Moraes e Manoel d'Araujo, naturaes da freguezia de Fão, desta comarca e actualmente ausentes em parte incerta nos Estados Unidos da Republica do Brazil para assistiaem até final a todos os termos do inventario orfanologico a que se procede neste Juizo por obito de Inacio Gomes, morador que foi na freguezia de Fão, desta comarca e em que é inventariante Regina de Moraes, da mesma freguezia de Fão,

Esposzende, 6 de Março de 1913.

O escrivão do terceiro officio,

João Gomes Vinha Verifiquei

O Juiz de Direito Leal Sampaio

Comarca de Espozende
EDITOS de 30 dias
2.^o publicação

P ELO Juizo de paz do districto de Espozende e respectivo cartorio correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação no «Diário do Governo», citando Manoel Pimenta Dias, Fernando Pimenta Dias, casados, Erminda Martins de Oliveira, Laurinda Pimenta, solteiras, Florinda Pimenta, viuva, e Antonio José Pimenta e mulher Anna Maria Lopes, residente que foram na freguezia de Gemezes, e hoje em parte incerta, para no praso de cinco dias, depois de findos os editos, pagarem a quantia de 39,5375 reis na execução de sentença que contra elles e outros move Antonio Joaquim da Silva, solteiro, maior, commerciante, da freguezia de Rio Tinto, ou nomearem bens á penhora sob pena de não o fazendo no referido prazo, ficar devolvido o direito de nomeação ao exequente e seguir a execução seus termos ultteriores.

Esposzende 4 de Março de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Paz, Palmeira.

O escrivão, Emilio Bernardino Moreira

ANNUNCIO

O Doutor Antonio Vicente Leal Sampaio, Juiz de Direito da comarca d'Espozende:

Faço saber que por este Juizo de Direito, e pelo cartorio do escrivão do terceiro officio, que este escreve, foi instaurada uma acção de interdição contra Rosaria Loureiro, tambem conhecida por Rosalia Loureiro ou Rosaria Ferreira, viuva domestica, residente nesta villa, por causa de prodigalidade a qual por sentença de vinte e oito de Fevereiro findo, foi julgada interdita e inhibida de reger seus bens.

Esposzende, 1 de mar-

ço de 1913.

O escrivão do 3.^o officio João Gomes Vinha Verifiquei

O juiz de direito, Leal Sampaio

Comarca de Espozende
EDITOS
de 30 dias
2.^o publicação

P ELO Juizo de Direito da comarca de Espozende e cartorio do escrivão do primeiro officio, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio, citando Antonio Carvalho Barcelista, da freguezia de Fão e auzente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de seu pae Manoel de Carvalho Barcelista, viuvo que foi da mesma freguezia e no qual é inventariante Maria de Carvalho Barcelista da dita freguezia de Fão, sem prejuizo do regular proseguimento do mesmo inventario.

Esposzende 28 de Fevereiro de 1913.

O Escrivão, Alexandre Henriques Torres

Verifiquei

O Juiz de Direito Leal Sampaio

Acaba de sahir:

Collecção Silva Vieira

TRADIÇÕES POPULARES, VOCABULARIO E TOPONYMIA

DA

GUARDA

por

A. Gomes Pereira

Professor do Liceo Central do Porto

1 volume de 50 paginas

PREÇO: 300 REIS

A' venda na Livraria e Typographia Espozendense—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—ESPOZENDE.

No preço—Do mesmo auctor:

TRADIÇÕES POPULARES, LINGUAGEM E TOPONYMIA DE BARCELLOS, que formará um grosso volume.

A FILHA

DO

DIVORCIO

BELEM & C.^a SUCC.—LISBOA

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA ESPOZENDENSE

DE

JOSE DA SILVA VIEIRA

RUA VEIGA BEIRÃO, 7, A 9

ESPOZENDE

O maior deposito de impressos da Província do Minho

A nossa officina montada com todos os mecanismos e typos o que ha de mais moderno na arte de imprimir é a que atualmente fornece de impressos a maioria das repartições publicas, do norte do pais, por preços inferiores a todas as suas mais congeneres, rivalisando na perfeição e qualidades dos papeis que emprega.

N'esta casa encontra-se mais á venda e por preços excessivamente modicos os seguintes objectos:

Secção de Typographia

N'esta officina executa-se com a maior perfeição e rapidez, segundo os processos mais modernos da arte. Imprimen-se jornaes, livros, programmas para festividades, cartazes com typos grandes e em grande formato, participações de casamento, circulares, memoranduns, facturas para o commercio e particulares em todos os tamanhos e diferentes gostos, envelopes de côr ou brancos timbrados á vontade do freguez, notas de officios, etiquetas para pharmacia, bilhetes de rifa e todos os impressos necessarios ao commercio, industria, repartições publicas, escritvães de direito, juntas de parochia, contrarias e particulares.

Especialidade em bilhetes de visita para o que possui um catalogo illustrado com uma vasta e linda colleção de typos em todos os tamanhos nacionaes e estrangeiros. Ha tambem uma grande variedade de cartões brancos em todos os tamanhos e qualidades e um variado sortido em phantazia, pergaminho, linho e muitas outras qualidades onde o freguez pode escolher a sua vontade.

Os preços dos bilhetes com a impressão são relativos ás qualidades do cartão variando entre 300 até 800 reis cada cento.

Livraria.—Livros escolares de todos os autores, escriptas (Cruz e Simões Lopes), papel em todas as qualidades, louzas em todos os tamanhos e preços, tinteiros com tinta preta desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis aparos, lapis desde 10 reis, tinta a retalho e todos mais objectos aduados nas escolas primarias,

Material escolar, fornece-se com execução perfeita, taes como carteiras, secretarias, cadeiras, estojos, lonzas grandes, mappas parietaes, espheras, estantes, e mais objectos pertencentes ás escolas, fornecem-se por preços muito inferiores a qualquer outra casa congenere.

Dão-se todos os esclarecimentos e preços.

Canetas de tinta, ultima novidade, a 200 240 e 300 reis, a melhor invenção,

Papel bordado para cartas amorosas, (grande sortido), envelopes bordados para os mesmos, d'esde 20 a 80 reis.

Chromos, ramos, santos, estampas, figuras de passar, cartões de dobrar, chromos de phantazia de abrir, ultima novidade, para diferentes preços.

TINTA DE MARCAR roupa, Colla-tudo, lam parinas de pau a 20 reis a caixa, e de porcelana a 40 rs., giz para alfayates, bilhar e escolas, gomarabica, prende papeis, ataches, sabonetes, borrachas para safar tinta e lapis, obréas, lapis pretos de 10 reis para cima, azul, azul e vermelho, lapis de tinta, lapizeiras com lapis e pena desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis a 120 reis.

ETIQUETAS em caixas a 60, 80, 90 e 100 reis cada uma.

POSTAES em côres, bro-
meta escuro i-
mitação verdadeira da foto-
graphia, o que ha de mais fi-
no e mais moderno, que
em toda a parte se vendem
a 40 e 50 seis cada um são
no nosso estabelecimento a

10, 20 E 30 rs.

cada um.

Collecções lindissimas em
todos os gostos e para todos
os preços, havendo n'este ra-
mo um colossal sortido.

Todos os postaes de 30 reis para cima tem direito a um envelope de seda.

POSTAES

com vistas de Espozende, Fão,
Apulia, e outras freguezias d'
este concelho.

Cada 5 postaes 40 reis: E' um reclame.

TINTA preta, azul preta, car-
mim e mais côres para escrever.
Tinteiros de vidro com tinta, redondos
e quadrados para o preço de 30, 40 e
50 reis, havendo frascos grandes
desdes um 1/4 de litro até 1 litro, a
diferentes preços.

PAPEL de seda para flôres
em todas as côres, de 1.ª e 2.ª qua-
lidade; papel affixe para illuminação,
lindas cores; dito para folhagem em
verde, prateado e muitas outras cô-
res com brilho.

PAPEL, almaço e fino em to-
dos os formatos e para todos os
preços; papel fino para cartas em
todas as qualidades.

PAPEL PARA CARTA A 10 REIS

PAPEL de musica
proprio para bandas marciaes e par-

ticulares, diversos modelos.

PAPEL de chupar tinta, em ver-
melho, côr de rosa, branco, verde
escuro, e outras muitas côres e qua-
lidades.

LIVROS EM BRANCO para o
commercio, industriaes e particula-
res, havendo em todos formatos e
papeis diversos e preços muitos ra-
soaveis.

SEM RIVAL

A
140,
160,
200 ATÉ 800

REIS

Cada caixa de bom papel
com 50 folhas e 50 envelopes.

BLOCOS para calendarios.

AGENDAS de algibeira para
1913 muito portateis e uteis.

ALMANACHS Bertrand, Seculo,
e todos os outros publicados para o
futuro anno de 1913.

VISITEM O NOSSO ESTABELECEMENTO

Ha um grande e variado sortido de livros nacionaes e estrangeiros á venda na nossa livraria, avultando grande numero de romances de diversos aucto es, obras scientificas, religiosas, politicas etc., que se vendem por preços excessivamente baratos. Ha tambem muitas obras, edições da nossa livraria, tanto litterarias como sobre o Folk-lore portuguez, as quaes constam de catalogo especial e remettemos a quem nos enviar a sua importancia.